

Tradutores históricos de *O livro dos espíritos*

Em 2015 transcorrem as efemérides: 140 anos do lançamento da primeira tradução para o português de *O livro dos espíritos* e 100 anos da desencarnação de seu tradutor, Joaquim Carlos Travassos; 150 anos de nascimento de Luís Olímpio Guillon Ribeiro



Antonio Cesar Perri de Carvalho

acperri@gmail.com

Logo após a primeira edição em português da obra *O livro dos espíritos*, em 1875, o tradutor Joaquim Carlos Travassos ofertou um exemplar a seu amigo e colega Adolfo Bezerra de Menezes. O conhecido médico e político, radicado no Rio de Janeiro, relata:

Lia, mas não encontrava nada que fosse novo para meu espírito, e entretanto tudo aquilo era novo para mim!

[...]

Eu já tinha lido ou ouvido tudo o que se achava em *O livro dos espíritos* [...]. Preocupei-me seriamente com este fato que me era maravilhoso e a mim

mesmo dizia: parece que eu era espírita inconsciente, ou, como se diz vulgarmente, de nascença [...].¹

O futuro presidente da FEB ainda protagonizou outro fato inusitado, pois se distraiu tanto na leitura de *O livro dos espíritos*, que perdeu o ponto onde deveria descer do bonde a tração animal, no trajeto entre o consultório e a residência:

Embarquei com o livro, e, não tendo distração para a longa e fastidiosa viagem, disse comigo: ora, adeus! não hei de ir para o inferno por ler isto; e, depois, é ridículo confessar-

-me ignorante de uma filosofia, quando tenho estudado todas as escolas filosóficas.²

Joaquim Carlos Travassos



Há 140 anos, era lançada a primeira tradução para o português de *O livro dos espíritos*. O tradutor Joaquim Carlos Travassos nasceu em Angra dos Reis, em 1839, formou-se em Medicina e atuou como médico nos Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. Ficou viúvo duas vezes, a primeira delas em decorrência de um terrível acidente com cavalo. Procurou o Espiritismo e tornou-se membro da diretoria do Grupo Confúcio. Manteve correspondência com a “Sociedade para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec”,³ de Paris, e com Pierre-Gaëtan Leymarie. No começo do ano de 1875, informava sobre a tradução da obra inaugural de Allan Kardec. Como tradutor, adotou o pseudônimo Fortúnio. *O livro dos espíritos* foi traduzido a partir da 20ª edição francesa.³ Em 1875, ainda lançou as traduções de *O livro dos médiuns* e *O céu e o inferno*.³ No ano seguinte lançou *O evangelho segundo o espiritismo*. Todas as obras publicadas por intermédio da Editora B. L. Garnier.

Travassos teve várias atuações no Movimento Espírita e chegou a ser senador da República. Desencarnou há cem anos, na cidade do Rio de Janeiro, aos 6 de fevereiro de 1915.³

Luís Olímpio Guillon Ribeiro



No dia 17 de janeiro, transcorrem 150 anos de nascimento de Guillon, oriundo de São Luís, Maranhão. Fez carreira como funcionário do Senado.

Traduziu dezenas de livros espíritas, principalmente a Codificação Espírita, excetuando-se *O céu e o inferno* (por Manuel Quintão). Sua tradução de *O livro dos espíritos* já alcançou 93 edições! Autor de livros publicados pela FEB e artigos em *Reformador*. Durante 26 anos exerceu vários cargos na FEB e foi o 11º e 16º presidente, com mandatos nos períodos 1920-1921 e 1930-1943. Durante sua gestão foi publicada a primeira obra psicográfica de Chico Xavier, *Parnaso de além-túmulo*, bem como dezenas dos livros iniciais produzidos pela mediunidade de Chico Xavier, e, em 1939, foi inaugurada uma pe-

quena oficina gráfica na então Sede da FEB, na Av. Passos. Em sua gestão houve grande impulso ao trabalho editorial da FEB e à sua diversificação. Desencarnou no Rio de Janeiro, em 26 de outubro de 1943.⁴

Como homenagem seu nome está registrado no Núcleo Espírita Guillon Ribeiro, dependência de ações socioassistenciais da Federação Espírita Brasileira, em Santo Antônio do Descoberto, na divisa do Estado de Goiás com o Distrito Federal.

Nosso reconhecimento aos dois tradutores históricos de *O livro dos espíritos*, destacando-se o fato de que o lançamento pioneiro provocou repercussão altamente significativa: a conversão de dr. Adolfo Bezerra de Menezes!


REFERÊNCIAS:

¹ WANTUIL, Zêus. *Grandes espíritas do Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Bezerra de Menezes, p. 225 a 243.

² SOARES, Sylvio Brito. *Vida e obra de Bezerra de Menezes*. 13. ed. 1. reimp. Rio de Janeiro: FEB, 2010. p. 55.

³ WANTUIL, Zêus. *Grandes espíritas do Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Joaquim Carlos Travassos, p. 400 a 432.

⁴ _____. _____. *Guillon Ribeiro*, p. 369 a 377.



Uma multidão de pecados

Richard Simonetti

richardsimonetti@uol.com.br

Desde que se converteram ao Espiritismo, Clóvis e Alice integraram-se nos serviços do bem, compenetrados de que com semelhante empenho estariam não apenas resgatando suas dívidas do pretérito, mas, também, garantindo um presente feliz e um futuro de bênçãos.

Alice, de vocação natural para servir, sempre voltada para o cuidado da família, marido e filhos, estendia sua dedicação ao Centro Espírita que frequentavam. Médium de apreciáveis recursos, participava de reuniões de intercâmbio e dos serviços de passes, estendendo sua colaboração numa casa de sopa.

Clóvis não fazia por menos. Amoroso chefe de família, carinhoso e solícito, destacava-se como diretor do Centro, assumindo várias responsabilidades que cumpria com a eficiência dos que o fazem por ideal, conscientes do dever e dotados de discernimento.

•

Não obstante suas virtudes, ambos tiveram um final de existência conturbado.

Alice enfrentou agressivo tumor maligno, que começou num dos seios e logo se expandiu por outros órgãos, apesar das cirurgias e tratamentos quimioterápico e radioterápico. ➔

Durante anos lutou contra a enfermidade, que lhe impôs sofrimentos somente amenizados por sua fé, em edificante exemplo de confiança na bondade divina.

Logo depois de seu falecimento, foi a vez de Clóvis enfrentar amarguras, acometido pelo Mal de Alzheimer, que lentamente o afastou do Centro, do convívio social, da família...

Terminou seus dias numa clínica de repouso, alienado e sofrido.



A experiência dolorosa do casal impôs perplexidade aos companheiros do Centro.

Não desfraldara Kardec a bandeira da caridade, com a qual podemos superar o egoísmo, livrando-nos de sofrimentos e dores decorrentes de nossos comprometimentos do pretérito?

Não afirmava Simão Pedro, o dedicado servidor do Cristo, que o amor cobre a multidão dos pecados?

Ninguém mais do que o nobre casal fazia jus a essa remissão em face de sua contribuição na seara abençoada da fraternidade humana.

Numa reunião mediúnica, questionaram Ambrósio, um dos mentores espirituais do Centro. Ressaltadas as virtudes do casal e a observação do apóstolo, vinha a dúvida:

– Certamente Alice e Clóvis, que passaram a existência empenhados em servir, não de ter removido montanhas de pecados. Por que, portanto, um final tão sofrido?

– Antes de responder a essa pergunta – considerou o mentor –, peço-lhes que leiam com atenção a citação evangélica.

Alguém providenciou um exemplar de *O Novo Testamento* e leu, no capítulo 4, da *Primeira Epístola de Pedro*, versículo 8:

Tende, antes de tudo, ardente amor uns para com os outros, porque o amor cobre uma multidão de pecados.

– Perceberam? – acentuou Ambrósio –, o amor cobre *uma* multidão de pecados, não *todos* eles. Muitos de nossos comprometimentos com o vício, o erro, o crime, em existências passadas, que a teologia tradicional situa como pecados, podem, sim, ser quitados com a prática do bem, mas há aqueles que, por sua natureza, exigem a moeda do sofrimento.

Ante a surpresa geral em face do detalhe não percebido, o mentor continuou:

– Um suicida, uma mulher que pratica abortos, um traficante de drogas, um assassino profissional, um assaltante desalmado, um ditador sanguinário, um soldado violento, e

todos aqueles que exercitam a crueldade, provocam graves desajustes em seu perispírito, o corpo espiritual. À semelhança de insidiosa enfermidade, esses desajustes pedem o concurso do tempo para serem esgotados pelas válvulas do sofrimento.

Após breve pausa, observando o efeito de suas palavras, concluiu:

– Em casos assim a prática do bem suaviza e abrevia a recuperação, mas será difícil eliminar inteiramente o sofrimento. Imaginemos alguém que sofre uma fratura na perna. Nenhum médico realizará o prodígio de recuperar de pronto o osso lesionado ou livrar o paciente inteiramente da dor e de incômodos relacionados com a recuperação. A crueldade nos submete a autênticas *fraturas espirituais*, que podem ser amenizadas com a caridade, mas não nos isentam do *tranco para colocar o osso no lugar*.



Em nosso próprio benefício, leitor amigo, é importante eleger o amor pelo semelhante como supremo ideal de nossas vidas, exercitando a caridade, que lhe dá consistência, mas lembrando sempre:

O amor cobre uma multidão de pecados, *não todos eles*. ■

Guillon Ribeiro

Além das Traduções

Samuel Nunes Magalhães

snmagalhaes@yahoo.com.br

Muitos foram os companheiros que suportaram árduos labores nas primeiras quadras do Movimento Espírita brasileiro. Percorrendo o acervo histórico desse renovador Movimento – livros de atas, estatutos, jornais, revistas, boletins, obras diversas – sentimos o pulsar do ideal que os animava. Legítimos testemunhos das lutas, anseios e sublimes realizações desses abnegados seareiros, esses registros nos falam ao coração, inspirando-nos amor e devotamento à causa do Consolador.

Integrando a distinta galeria desses fiéis servidores, avulta a figura pioneira de Luiz Olympio Guillon Ribeiro.* Filho do casal Luiz Antônio Gonçalves Ribeiro e Olympia Guillon Gonçalves Ribeiro, Guillon nasceu a 17 de janeiro de 1875, em São Luís, Estado do Maranhão.

Dispondo de poucos recursos materiais, seus pais não se permitiam supérfluos, mas, acertadamente, entendiam como prioridade a educação do filho.

Assim, diante dessa conjuntura – escassez de recursos e educação escolar – conquanto tivessem de renunciar à sua cotidiana presença, resolveram interná-lo no Seminário de São Luís.

Como que por fatalidade, esses recursos minguiariam ainda mais, devido à desencarnação do Sr. Luiz Antônio. Guillon Ribeiro contava, então, sete anos. Algum tempo depois, buscando melhores condições de vida, dona Olympia Guillon resolveu mudar-se para a cidade do Rio de Janeiro.

Na capital fluminense, Guillon Ribeiro matriculou-se na antiga Escola Militar, localizada na Praia Vermelha. Durante três anos, frequentou a tradicional escola, conquistando respeito e admiração de mestres e colegas, pelo seu excelente desempenho. Contudo, ao reconhecer não possuir inclinação para a vida militar, deixou-a, e ingressou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro.

Espírito amadurecido, logo que reuniu condições, começou a trabalhar para ajudar no or-

çamento doméstico, custeando suas próprias despesas. Durante largo tempo, escreveu para os mais importantes jornais da época, desempenhando a função de redator do *Jornal do Comércio*.

Concluído o curso de Engenharia Civil, inicia-se nova etapa de sua existência. Nomeado segundo oficial da Secretaria do Senado Federal, rápido ascenderia a postos mais elevados, aposentando-se em 1921, no cargo de diretor-geral. Provido de grande inteligência e apurado senso de dever, integridade moral e profundo conhecimento da língua pátria, prestou relevantes serviços àquela Casa. Dele, disse, Rui Barbosa, referindo-se ao seu trabalho de revisão do Projeto do Código Civil:¹

O respeito que devemos nós – todos aqueles que escrevem ao público e a nós mesmos, esse respeito nos impõe o maior cuidado até os últimos momentos. Nenhum bom escritor pode confiar absolutamente, exclusivamente, nos protos. ➔

Devo, entretanto, Sr. Presidente, desempenhar-me de um dever de consciência – registrar e agradecer da tribuna do Senado a colaboração preciosa do Sr. Doutor Guillon Ribeiro, que me acompanhou nesse trabalho com a maior inteligência, não limitando os seus serviços à parte material do comum dos revisores, mas, muitas vezes, suprindo até as desatenções e negligências minhas.¹

Esse elogio, proferido pelo mais ilustre polímata brasileiro, atesta a notável escrita e o brilhante raciocínio de Luiz Olympio Guillon Ribeiro.

Em 11 de abril de 1910, Guillon Ribeiro casou-se com Raymunda Portella. Deles nasceram, Olympia Luiza Portella Guillon Ribeiro,* Luiz Antônio Guillon Ribeiro,* Marianna Portella Guillon Ribeiro,* Antônio Luiz Guillon Ribeiro e Aloizio Guillon Ribeiro.*

Esposo amantíssimo e pai carinhoso, dedicou especial atenção à família. Com o apoio de dona Raymunda, educou os filhos com esmero, tanto no âmbito intelectual quanto no âmbito moral e espiritual. Luiz Antônio formou-se em Medicina, Antônio Luiz, em Odontologia, e Aloízio, em Engenharia Civil. Não conseguimos apurar qual a formação acadêmica das suas filhas Olympia Luiza e Marianna Portella.

Recentemente, buscando mais informações acerca da família – todos os seus filhos desencarnaram – mantivemos contato com o seu neto Luiz Olympio Guillon Ribeiro Neto, médico homeopata, espírita convicto, residente na cidade do Rio de Janeiro. Esperamos, confiantes, conseguir preencher, futuramente, algumas das lacunas existentes sobre Guillon Ribeiro.

Desde cedo, confessa ele, sentira inclinação para o Espiritismo. Porém, somente em 1911, após a desencarnação de sua mãe querida, a quem amava extremamente, tomou contato mais direto com a Doutrina Espírita.

Com invejável acuidade mental e apostolar dedicação, meditou os conceitos expendidos nas obras de Allan Kardec. Compreendeu a razão da existência física e o porquê do sofrimento, aceitou a morte como etapa da vida e comungou com a reencarnação, impregnou-se de luminosa transcendência e venceu esmagadoras incertezas. Alcançara, por fim, o porto seguro a que se ancorar.

E assim se tornou um dos mais expressivos servidores da Terceira Revelação.

O Movimento Espírita brasileiro o conhece, sobretudo, como tradutor das obras de Allan Kardec,² exceto o livro *O céu e o inferno*, cuja tradu-

ção devemos a Manuel Quintão. Registremos, porém, que atuou para além das traduções. Durante mais de três decênios, desenvolveu profícua e variada atividade. Obreiro incansável – não tinha horas de lazer – subiu à tribuna, tomou da pena, assistiu aos necessitados, administrou a Casa de Ismael.

Nas viagens de veraneio da família, sempre levava consigo farto material de trabalho. Enquanto todos o imaginavam nos entretenimentos ou repousando, escrevia e revisava, estudava e traduzia. Com alegria, visitava os centros espíritas locais, pregando a Boa-Nova à luz clara do Espiritismo.

Guillon Ribeiro foi mestre da palavra falada e escrita. De oratória destituída de arroubos ou impulsos autôlatras, agradava pelo elevado conteúdo, timbre de voz e doce espiritualidade. Foi um grande e sincero divulgador do Espiritismo e especial pregador do Evangelho de Jesus.

Brilhante articulista, colaborou com vários jornais e revistas. No último artigo de sua lavra – *Crisol de purificação*² – tece profunda e arguciosa reflexão acerca da importância da dor no processo educativo da alma humana.

Primoroso escritor, publicou algumas obras e prefaciou outras. De sua autoria, citamos: *Jesus, nem Deus nem Homem*;

Espiritismo e política; A mulher, sua missão, sua felicidade; A Federação Espírita Brasileira. Com seu prefácio, listamos: *Sessões práticas de espiritismo*, de Spartaco Banal; *À margem do espiritismo e Religião*, de Carlos Imbassahy; *A personalidade de Jesus*, de Leopoldo Cirne; *Elucidações evangélicas*, de Antônio Luiz Sayão; *A grande síntese*, de Pietro Ubaldi; *Animismo ou espiritismo?* e *A crise da morte*, de Ernesto Bozzano; *Grandes e pequenos problemas*, de Angel Aguaronod.

Emérito linguista, dominava o francês, o inglês, o italiano e o espanhol, vertendo ao nosso idioma, valiosas obras espíritas, onde prima pela fidelidade ao pensamento original dos autores e pela beleza da forma do vernáculo, o que lhe dá primazia entre os demais tradutores espiritistas. De Allan Kardec, traduziu *O livro dos espíritos*, *O livro dos médiuns*, *O evangelho segundo o espiritismo*, *A gênese*, *Obras póstumas*, *O que é o espiritismo*, *O espiritismo na sua expressão mais simples* e *O principiante espírita*, conservando-lhes a poética e originalidade, agindo, certamente, sob a inspiração do Mais Alto. Debruçou-se, ainda, sobre a tradução de *Joana d’Arc, médium* e *O além e a sobrevivência do ser*, de Léon Denis; *A crise da morte*, *Psicologia e espiritismo*,

Animismo ou espiritismo? e *Xenoglossia*, de Ernesto Bozzano; *O Espiritismo perante a ciência* e *A alma é imortal*, de Gabriel Delanne; *A nova revelação*, de Arthur Conan Doyle; *No limiar do etéreo*, de J. Arthur Findlay; *A nova luz*, de Georges Dejean; *A verdade espiritualista e Espiritismo e criminalidade*, de C. Picone Chiodo; *Livre-arbítrio e determinismo*, de Luiz Gastin; *Os quatro evangelhos*, de J. B. Roustaing; *Os quatro evangelhos e O livro dos espíritos*, de J. E. Guillet e *A grande síntese*, de Pietro Ubaldi.

Todo esse trabalho literário era realizado enquanto desincumbia-se de outros graves afazeres na seara espírita e familiar.

Vinculado à Federação Espírita Brasileira, ocupou quase todos os cargos de sua diretoria, exercendo a sua presidência de 1920 a 1921 e de 1930 a 1943. Na sua gestão – 1932 – foi editado o magnífico *Parnaso de além-túmulo*, primeira obra da abençoada mediunidade de Francisco Cândido Xavier. Guillon desempenharia importante papel na tarefa missionária do médium de Pedro Leopoldo. Por certo, reencarnara trazendo em sua programação de vida cooperar diretamente para a materialização da mais brilhante produção mediúnica, desde o advento do Espiritismo. Dele,

após a sua desencarnação, disse Chico Xavier: “generoso orientador que nos antecedeu na grande jornada”.³

Compromissado com o Movimento Espírita brasileiro, desde as esferas espirituais, não mediu esforços para impulsioná-lo, quanto devia.

Retomando antigo sonho de Dias da Cruz e Bezerra de Menezes, instalou a oficina gráfica da Federação Espírita Brasileira, inaugurando-a em 4 de novembro de 1939, favorecendo mais rápida difusão do livro espírita no Brasil.

Trabalhou, sofreu, lutou, deu sempre o melhor de si ao Espiritismo.

Quando uma Portaria do Chefe de Polícia, datada de 9 de abril de 1941, determinou o fechamento de todas as instituições espíritas da cidade do Rio de Janeiro, com a finalidade de obrigá-las a se registrarem no departamento policial, diante da urgente necessidade de manter ativa a Casa que presidia – cujas portas ficaram cerradas durante setenta e duas horas – cumpriu a referida determinação, orientando as demais sociedades espíritas como deveriam proceder para continuarem com os seus trabalhos. Tal situação somente alcançaria definitiva solução – representando o fim das constrangedoras situações a que foram submetidos os espíritas

brasileiros – quando assume a presidência da Federação Espírita Brasileira, Antônio Wantuil de Freitas.

Guillon Ribeiro não se ocupou apenas com as produções literárias e as questões administrativas, no seu abençoado apostolado.

Alma sensível às dores alheias, coração que se compadecia de todos os infelizes, fez da assistência aos desvalidos a sua bandeira, lembrando a máxima *Fora da Caridade não há Salvação*. Levou, durante muito tempo, palavras de consolo e fé aos detentos da Casa de Correção.

Espírito perfeitamente identificado com a mensagem evangélica, tornou-se devotado e proficiente servo de Jesus. Profundamente harmonizado com os postulados espíritas, tornou-se fiel seguidor de Allan Kardec.

Dotado de rútila inteligência e cheio de peregrinas virtudes, Luiz Olympio Guillon Ribeiro, legou inesquecível exemplo às pósteras gerações espíritas. Em 26 de outubro de 1943, depois de longos e porfiados anos, retornou vitorioso à Pátria Espiritual.

Inúmeras correspondências dirigidas à Federação Espírita, por ocasião do seu desenlace, falam do profundo sulco de saudade que deixou em toda a família espírita. En-

tre as inúmeras manifestações procedentes do exterior, exaltando a figura humana, profundamente evangelizada de Guillon Ribeiro, a revista *La Idea*, órgão da Confederación Espiritista Argentina, resumiu nesta frase eloquente a personalidade moral desse extraordinário espírita: “um hombre de estudio y de trabajo, cuya vida fué y será ejemplo de sacrificio y amor al Espiritismo”.¹

Reverenciando-lhe a honrosa memória, instalou-se no município goiano de Santo Antônio do Descoberto, uma das quatro células do Departamento de Assistência Social da Federação Espírita Brasileira, o Núcleo Espírita Guillon Ribeiro. Nas suas dependências – cujos trabalhos de assistência social e evangelização espírita acontecem aos sábados – funciona nos turnos da manhã e da tarde a escola de ensino fundamental, A Caminho da Luz, numa parceria entre a prefeitura local e a Federação Espírita Brasileira.

Luiz Olympio Guillon Ribeiro, depois de tantos anos dedicados aos labores doutrinários espíritas, permanece atuante junto ao Movimento Espírita brasileiro, conforme atestam diversas mensagens recebidas por Júlio César Grandi Ribeiro, Divaldo Pereira Franco e Francisco Cândido Xavier.

Que ele receba, nestas páginas – quando comemoramos os 140 anos de seu nascimento – nosso mais sincero preito de gratidão e amor, por quanto fez e faz pelo sublime ideal que nos acalenta o Espírito.

////////////////////

* N.R.: Mantivemos a grafia dos nomes de Guillon Ribeiro e da sua família, conforme o texto original do artigo, respeitando a pesquisa do articulista, não obstante estes mesmos nomes estarem registrados com grafia diferente na obra *Grandes espíritas do Brasil*, de Zêus Wantuil, Editora FEB.

OBRAS CONSULTADAS:

MENDES, Indalício. Guillon Ribeiro – predicado do Evangelho do Cristo. *Reformador*. ano 93, n. 1.750, p. 5(9)-8(12), 22(26)-24(28), jan. 1975.

REFORMADOR. Guillon Ribeiro. [Artigo sem autoria]. ano 61, n. 11, p. 5(265)-7(267), nov. 1943; n. 12, p. 13(297)-14(298), dez. 1943.

SILVA, Camilo. O pioneiro. *Reformador*. ano 61, n. 11, p. 7(267). nov. 1943.

XAVIER, Francisco C. *Instruções psicofônicas*. Espíritos diversos. 10. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2013. cap. 63.

REFERÊNCIAS:

¹ WANTUIL, Zêus. *Grandes espíritas do Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. p. 371.

² RIBEIRO, Guillon. *Crisol de purificação*. *Reformador*, ano 61, n. 12, p. 5(289)-6(290), dez. 1943. Publicado nesta edição, p. 36(34)-38(36).

³ SCHUBERT, Suely Caldas. *Testemunhos de Chico Xavier*. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010. cap. 7-12-1943 – Originais do Livro. – *O mandato mediúnico*, p. 23.

Oração



Senhor Jesus!
Agradecendo-te o am-
paro de todos os dias,
eis-nos aqui, de espírito, ainda
em súplica, no campo em que
nos situaste.

Ensina-nos a procurar na vida
eterna a beleza e o ensinamento
da temporária vida humana!

Apesar de amadurecidos
para o conhecimento, muitas ve-
zes somos crianças pelo coração.

Ágeis no raciocínio, somos
tardios no sentimento.

Em muitas ocasiões, dirigi-
mo-nos à tua infinita Bondade,
sem saber o que desejamos.

Não nos deixes, assim, em
nossas próprias fraquezas!

Nos dias de sombra, sê nos-
sa luz!

Nas horas de incerteza, sê
nosso apoio e segurança!

Mestre Divino!

Guia-nos o passo na senda
reta.

Dá-nos consciência da res-
ponsabilidade com que nos en-
riqueces o destino.

Auxilia-nos para que o suor
do trabalho nos alimente o
lume da fé.

Não admitas que o verme do
desalento nos corroa o ideal e
ajuda-nos para que a ventania
da perturbação não nos inutili-
ze a sementeira.

Educa-nos para que possamos
converter os detritos do
temporal em adubo que nos fa-
voreça a tarefa.

Ao redor da leira que nos
confiaste, rondam aves de rapi-
na, tentando instilar-nos desân-
imo e discórdia...

Não longe de nós, flores
envenenadas deitam capitoso
aroma, convidando-nos ao re-
pouso inútil, e aves canoras da
fantasia, através de melodias
fascinantes, concitam-nos a
ruinosa distração...

Fortalece-nos a vigilância
para que não venhamos a cair.

Dá-nos coragem para ven-
cer a hesitação e o erro, a som-
bra e a tentação que nascem
de nós.

Faze-nos compreender os
tesouros do tempo, a fim de que
possamos multiplicar os crédi-
tos de conhecimento e de amor
que nos emprestaste.

Divino Amigo!

Sustenta-nos as mãos no
arado de nossos compromis-
sos, na verdade e no bem, e
não permitas, em tua miseri-
córdia, que os nossos olhos se
voltem para trás.

Que a tua vontade, Senhor,
seja a nossa vontade, agora e
para sempre.

Assim seja.

Emmanuel



Fonte: XAVIER, Francisco C. *Instru-
ções psicofônicas*. Recebidas por vá-
rios Espíritos, no Grupo "Meimei", e
organizadas por Arnaldo Rocha. 10. ed.
1. imp. Brasília: FEB, 2013. p. 321.